

## De como a antropologia instrumentaliza estudantes

Tânia Welter<sup>1</sup>

### Resumo

Esta comunicação objetiva apresentar e refletir sobre os impactos teóricos e metodológicos da Antropologia na formação e atuação de estudantes do ensino superior vinculados ao programa de iniciação à docência (PIBID/CAPES) e estudantes de iniciação científica no ensino médio (PIBIC EM) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó. Para tanto, foram observados discursos e produções textuais sobre pesquisas e ações educacionais realizadas na universidade e na escola. Constatou-se que o contato com conceitos e métodos antropológicos teve impacto significativo nesses sujeitos, promoveu uma ampliação no olhar, desafiou-os para uma desnaturalização dos conceitos, distanciamento do senso comum e instrumentalização nas ações de pesquisa, ensino e extensão.

**Palavras-chave:** Antropologia. Educação. Formação de professores e estudantes.

### About how the anthropology instrumentalizes the students

### Abstract

This communication aims to present and reflect on the theoretical and methodological impact of the anthropology in development and performance of students in higher education linked to the initiation to teaching program (PIBID / CAPES) and undergraduate students in high school (PIBIC EM) of the Federal University of the South Border (UFFS) campus Chapecó. For both, it was observed speeches and textual productions about research and educational activities conducted at the university and at school. It was noticed that the contact with anthropological concepts and methods had a significant impact on these subjects, promoted an expansion in look, challenged them to a denaturalization of concepts, common sense of detachment and instrumentation in research, teaching and extension activities.

**Keywords:** Anthropology. Education. Training of teachers and students.

### Introdução

Esta comunicação objetiva apresentar e refletir sobre os impactos teóricos e metodológicos da Antropologia na formação e atuação de estudantes do ensino superior vinculados aos programas de iniciação à docência (PIBID/CAPES) e estudantes de iniciação científica no ensino médio (PIBIC-EM) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó. A base para esta reflexão está na produção escrita a respeito das atividades de ensino e nos projetos de pesquisa realizados na

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Antropologia Social (UFSC), Especialista em Educação Sexual (UDESC) e Licenciada em Ciências Sociais (UFSC). Realizou estágio doutoral junto a Universidade Nova de Lisboa e estágio pós doutoral no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina. Realiza estágio doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

disciplina “Antropologia e Educação” (UFFS), no projeto de iniciação científica júnior “Antropologia, Educação e Diversidade” (PIBIC-EM/CNPq/UFFS) e no projeto de iniciação à docência em Ciências Sociais (PIBID/CAPES/UFFS)<sup>2</sup>.

### **Construindo diálogo entre antropologia e educação**

A disciplina optativa “Antropologia e Educação” foi ministrada pela primeira vez na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, entre outubro de 2012 e março de 2013, com a participação de vinte estudantes, grande parte do curso de Licenciatura em Ciências Sociais e bolsistas do programa de iniciação à docência em Ciências Sociais (PIBID\CAPES\UFFS)<sup>3</sup>. A disciplina visava apresentar categorias teóricas e metodológicas da Antropologia para instrumentalizar licenciandos/as na realização de pesquisas e intervenções em processos educacionais.

Para ministrar a disciplina, se lançou mão de recursos metodológicos e referenciais teórico-metodológicos diversos e focalizamos processos educacionais, não necessariamente formais, e a aproximação entre Antropologia e Educação. A disciplina refletiu sobre o campo e a abordagem da Antropologia, conceitos antropológicos básicos como cultura, etnocentrismo, preconceito, discriminação e relativismo a partir das reflexões e provocações de Miner (1976), Queiroz (1997) e Rodrigues (2003).

Como um dos objetivos da disciplina era instrumentalizar estudantes para o trabalho de campo etnográfico, se buscou elementos sobre a especificidade e as tensões da prática antropológica, tendo como foco o método etnográfico em educação e reflexões de Fonseca (1999), Oliveira (2006), Oliveira e Gomes (2005) e Velho (1994).

Refletiu-se sobre processos de socialização em diversos contextos e tempos. Com Mead (2000) e Schaden (1945), aprendemos que esses processos têm uma relação direta com os sujeitos e contextos culturais. São, portanto, particulares, específicos e diferentes entre si. Cada cultura escolhe aspectos próprios, métodos de transmissão e controle dos valores e comportamentos. Importante

---

<sup>2</sup> Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC/CNPQ), ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC-EM/CNPQ) pelo apoio na realização destes projetos.

<sup>3</sup> O PIBID é um programa que objetiva estimular a iniciação docente e é financiado com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O Subprojeto Ciências Sociais (PIBID/UFFS) foi realizado na Escola de Educação Básica Marechal Bormann, cidade de Chapecó, entre agosto de 2012 e fevereiro de 2014, tendo como supervisor o professor de Sociologia e Filosofia da escola, Tarcisio Brighenti, e a coordenação da professora do Curso de Ciências Sociais, Tânia Welter.

destacar que tanto Mead quanto Schaden afirmam a capacidade de dinamicidade e mudança cultural e, por conseguinte, dos processos de socialização.

Também Junqueira (1999), quanto Seeger (1980) observaram a socialização entre povos indígenas, considerados por muitos como exóticos, e destacam sua especificidade e dinamicidade.

Para conhecer outros processos de socialização, se recorreu as pesquisas de Caputo (2012) e Brum (2009). Através da primeira pesquisadora, entendemos a percepção de pessoas e instituições sobre os processos de socialização, para as quais a importância das crianças e jovens é diversa e muitas vezes conflituosa. Essa autora mostrou como as mesmas crianças e jovens podem ser valorizados, incentivados a ocupar importantes cargos de lideranças – caso dos terreiros de candomblé analisados, ou serem discriminados e desvalorizados por outras instituições ou lideranças religiosas e escolares. Já Brum (2009) destaca algumas dimensões pedagógicas e educacionais do Movimento Tradicionalista Gaúcho e o quanto esse universo e os discursos dos sujeitos estão mobilizados por estereótipos de feminilidade e masculinidade.

Sobre os conceitos, trajetórias, experiências e identidades juvenis, recorreu-se a diversos autores e autoras. Com Abramo (2011), Heilborn (2006) e Carlos (2011) constatamos que não há acordo ou definição única sobre juventude ou adolescência, sendo conceitos datados, contextuais e dinâmicos. Essas autoras nos ensinam que juventude se diferencia de adolescência, pois mais que uma etapa cronológica, constitui-se como um estilo próprio de existência repleto de dinamismos. Paula Pinhal de Carlos (2011) sugere que, “por possuir contornos extremamente complexos e limiares tênues”, é necessário tratar de juventude de forma plural, pois “possui diversas matizes, que variam de época para época, de sociedade para sociedade e, ainda, dentro de uma mesma época e de uma mesma sociedade, de fatores como gênero, etnia, classe, etc.” (2011, p. 99).

Muitos autores questionam se a escola (instituição escolar) é um espaço para reconhecimento ou discriminação das diferenças. Então selecionamos autores e autoras que pudessem problematizar esse aspecto, tendo como foco questões como identidade de gênero, orientação sexual, classe social, religião, cor de pele e outros marcadores sociais das diferenças. Iniciamos com um exercício de diferenciação entre os termos diferença, diversidade e desigualdade, tendo como base o livro do curso Gênero e Diversidade na Escola (CARRARA et al., 2009).

Aprendemos com Louro (1997) que, desde sua criação, a escola distinguia e separava sujeitos – distinguia quem tinha e quem não tinha acesso a ela –, e quem ingressava nela, sofria distinção, pois a escola separava adultos de crianças, católicos de protestantes, negros de brancos, ricos de pobres, meninos de meninas. A transformação nesse modelo não impediu, no entanto, muitas

instituições escolares de promover ou compactuar com distinções e desigualdades tendo como base classe social, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, vínculo ou vivência religiosa, cor de pele ou atributos físicos<sup>4</sup>.

Muitos autores afirmam que a escola é espaço de contradições<sup>5</sup>, encontro e produção de diferenças, distinções e desigualdades nos/as e entre sujeitos sociais<sup>6</sup>, especialmente estudantes<sup>7</sup>, mas também entre profissionais da educação<sup>8</sup>. Ela se apresenta também como espaço para experiências e relações assimétricas, estímulo para valores hegemônicos, repressões e opressões sobre padrões não hegemônicos, exercícios de poder, construção de desigualdades, conflitos e violências (macro e micro), estas nem sempre penalizadas. Essas violências ocorrem entre sujeitos sociais, mas possuem motivações, características e consequências diferenciadas<sup>9</sup>.

Outros defendem que a escola é espaço fundamental para estabelecimento de novas sociabilidades, questionamento dos padrões hegemônicos, estímulo para práticas inclusivas e tolerantes e reflexões teórico-metodológicas<sup>10</sup>.

Há inúmeras formas para enfrentar ações discriminatórias na escola. Nessa disciplina, dedicou-se especial atenção à formação de professores/as para a diversidade a partir dos relatos de experiências educacionais vivenciadas pelos/as participantes e reflexões de Oliveira e Lins (2012), Carrara et al. (2009) e Junqueira (2009). O grupo realizou pesquisas sobre ações e legislações educacionais inclusivas, como as leis n.º 10.639/2003 e n.º 11.645/2008, as políticas de ações afirmativas e inclusivas como cotas, nome social. Entendemos com Fleuri (2012) que descolonizar o saber e o poder é um processo complexo, demorado e requer uma mudança de paradigma diante da diferença. É necessário modificar a imagem e o lugar dos sujeitos no livro didático (SILVA, 2005), reconhecer e valorizar a diferença (OLIVEIRA; FRANGELLA, 2011), e fomentar políticas de ações afirmativas e inclusivas (OLIVEIRA; LINS, 2012; OLIVEIRA, 2012). O currículo necessita ser revisto para incluir sujeitos, grupos e instituições, recorrentemente desconsiderados pela história oficial (MOREIRA; CANDAU, 2007; MOREIRA; CAMARA, 2008; GARCIA, 2004; MOURA, 2005).

---

<sup>4</sup> Considerando a interseccionalidade e cruzamentos entre identidades e desigualdades.

<sup>5</sup> Espaço para produção e socialização do conhecimento, ao mesmo tempo que de promoção de violências (MENDONÇA, 2011).

<sup>6</sup> Na perspectiva de Ortner (2004).

<sup>7</sup> Esta discussão foi amplamente refletida por, entre outros, Louro (1997), Carvalho (2008) e Carrara et al. (2009).

<sup>8</sup> Por entender sua ação direta na formação de estudantes, isto é considerando como profissionais da educação o conjunto de profissionais que atuam na escola: professoras/es, gestoras, especialistas, serviços gerais, seguranças, e outros.

<sup>9</sup> As reflexões sobre violência na escola estão presentes em Fonseca (1994), Candau; Caputo (2012), Carrara et al. (2009), Abramovay (2009), Junqueira (2009), Lopes (2008), Vieira (2009). Esta temática também está presente ou é o foco de filmes comerciais. É o caso de: Preciosa, Minha Vida em Cor de Rosa, As Melhores Coisas do Mundo.

<sup>10</sup> Welter e Grossi, 2012;

A escola é o espaço da diversidade. São muitas e diversificadas diferenças. O desafio é reconhecê-las e valorizá-las diante de uma prática excludente e violenta. A reflexão de Kadlubitski e Junqueira (2009), Gusmão (2003) e Rocha (2011) destacam a complexidade desse desafio. Essa disciplina indicou também que a formação de professores e professoras de qualquer disciplina ou nível de atuação deve incluir esse aspecto.

Como forma de experienciar a prática docente, estudantes foram estimulados a preparar e apresentar um plano de aula de Sociologia/Ciências Sociais<sup>11</sup> para o ensino médio, tendo como base os conceitos antropológicos.

A pesquisa foi uma prioridade dessa disciplina. Foram realizadas pesquisas específicas em sala de aula (sobre leis, projetos), entrevistas com professores/as em escolas sobre a aplicação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e observação etnográfica em contextos educacionais diversos.

Como forma de conhecer mais sobre a problemática das políticas e legislações educacionais inclusivas, foi solicitado aos/as estudantes que entrevistassem três professores/as da Rede Estadual de Ensino do Estado de Santa Catarina a respeito da aplicação das leis n.º 10.639/2003 e 11.645/2008. Após essa etapa, deveriam elaborar um artigo sistematizando os dados da pesquisa e refletindo sobre eles, tendo como base teórica a bibliografia lida durante o semestre. Além disso, solicitou-se que elaborassem uma proposta de prática educacional que incorporasse a exigência das leis. Os dados da pesquisa se mostraram assustadores. Grande parte dos/as professores/as entrevistados/as não conhece o conteúdo das leis, embora considerem ser este um aspecto importante na formação escolar.

Como forma de conhecer outros processos educacionais, para além da formação escolar a acadêmia, e exercitar a pesquisa, estudantes foram estimulados a elaborar um projeto e realizar uma pequena observação etnográfica no período do semestre letivo. A observação etnográfica foi realizada em equipes, iniciou com a elaboração de um pré-projeto de pesquisa (no início do semestre) e finalizou com a socialização dos resultados (no final do semestre).

Foram realizadas as seguintes observações etnográficas em processos educacionais, formais ou não, tendo como base referenciais metodológicos antropológicos: Formação para deficientes visuais, realizada pela Associação dos Deficientes Visuais do Oeste de Santa Catarina (ADEVOSC)<sup>12</sup>, Formação de condutores (Escola de Chapecó), Escolinha de Futebol da Chapecoense, Formação de lideranças no Centro de Umbanda Ilé Asè Aféfé T'Oyá, Formação de membros e frequentadores da

---

<sup>11</sup> Embora a disciplina seja intitulada Sociologia, as diretrizes nacionais (BRASIL, 2006) e seus comentadores (MORAES; GUIMARÃES, 2010; MORAES, 2010) sugerem que ela deve abordar conteúdos próprios das Ciências Sociais, quais sejam, Sociologia, Ciência Política e Antropologia. Sobre o processo histórico da disciplina de Sociologia nas escolas brasileiras, ver Silva (2010) e Barbosa e Mendonça (2007).

<sup>12</sup> Sobre esta pesquisa, ver Schons et al. (2013).

Sociedade Espírita Bezerra de Meneses, Formação de participantes do grupos de estudos bíblicos na Igreja do Evangelho Quadrangular e a Formação escolar de jovens hospitalizados.

Para concluir este item, é possível afirmar que as leituras individuais, os encontros semanais, a reflexão sobre filmes, documentários, músicas, a participação em oficinas, dinâmicas e exercícios coletivos de reflexão e organização dos conteúdos<sup>13</sup>, a realização de pesquisas, de produção textual e elaboração de planos de aulas, forneceram elementos para os/as participantes da disciplina Antropologia e Educação pudessem ampliar o conhecimento sobre processos educacionais, sugestões de metodologias de ensino e conteúdos antropológicos próprios para a disciplina de Sociologia/Ciências Sociais no ensino médio ou outras disciplinas da educação básica e oportunidade para reflexão, experimentar a prática docente e fazer observação etnográfica.

### **A universidade vai à escola: experiências de pesquisa e ensino no PIBID**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES)<sup>14</sup>, subprojeto Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, tem o objetivo de incentivar, qualificar e inserir licenciandos/as em Ciências Sociais no cotidiano de escolas vinculadas à rede pública de educação de Chapecó. Objetiva criar oportunidades de participação e intervenção em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes. Objetiva também criar espaços de integração entre a educação superior (UFFS) e a educação básica<sup>15</sup>, além de estimular a realização e reflexão sobre experiências docentes e conhecimentos teórico-metodológicos de ensino em Sociologia no ensino médio.

Esta reflexão está fundamentada nos dados disponíveis<sup>16</sup> a respeito da experiência do PIBID Ciências Sociais (UFFS) realizada entre agosto de 2012 e fevereiro de 2014 nas dependências da UFFS e na Escola de Educação Básica Marechal Bormann (Chapecó). Este programa envolveu diretamente dezesseis pessoas, sendo catorze bolsistas de iniciação à docência (ID), todos/as acadêmicos/as de Licenciatura em Ciências Sociais da UFFS, uma coordenadora<sup>17</sup> e um supervisor<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Foram realizadas diversas formas de organização e de socialização dos conteúdos: elaboração de mapa conceitual, ficha de leitura, resenhas, palavras-chave e outras.

<sup>14</sup> Ministério da Educação/Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Edital 01/2011, Edital 11/2012, Portaria nº 260 de dezembro de 2010 e Portaria nº 96 de julho de 2013.

<sup>15</sup> Interface prevista no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó (2010, p.7).

<sup>16</sup> Dados disponíveis no Relatório Final de Atividades do projeto PIBID Ciências Sociais (WELTER, 2013) e no portal do projeto: [pibidsociologiachapeco.blogspot.com.br](http://pibidsociologiachapeco.blogspot.com.br).

<sup>17</sup> Professora do curso de Ciências Sociais da UFFS, Tânia Welter.

<sup>18</sup> Professor da disciplina de Sociologia e Filosofia da EEB Marechal Bormann, Tarcisio Brighenti

Moraes e Guimarães (2010) sugerem que a disciplina de Sociologia/Ciências Sociais na educação básica deveria ser orientada a partir de princípios epistemológicos (*desnaturalização e estranhamento*), metodológicos (conceitos, teorias e temas) e o princípio transversal da pesquisa<sup>19</sup>. Segundo Moraes e Guimarães (2010) e Mendonça (2011), essa disciplina tem a tarefa de desenvolver atividades que lidem com os conteúdos e significados relevantes à construção de sentidos transformadores da subjetividade humana, atividades que promovam a desnaturalização das relações sociais, possibilitando aos sujeitos estabelecerem uma relação consciente com o mundo e ir além do que é imediatamente *visível* e aceito como natural.

Inspirados nessas orientações e na importância da experiência na formação docente (DUBET, 1997), foram realizadas atividades semanais de planejamento, estudo, avaliação, reflexão e produção coletiva sobre o cotidiano escolar, o ensino de Sociologia, processos de ensino-aprendizagem e ação educativa no subprojeto PIBID Ciências Sociais. Além de instrumentalizar e sensibilizar os/as bolsistas de iniciação à docência para as singularidades da escola e seus processos, criou-se um ambiente para produzir, socializar e publicar reflexões sobre experiências educacionais, realizadas especialmente na disciplina de Sociologia no ensino médio. O processo de formação em regime de alternância (escola/universidade/escola) permitiu corrigir, qualificar e aperfeiçoar as ações educativas realizadas na escola. O diálogo aberto, franco e frequente realizado no grupo, com participações eventuais de outros/as bolsistas PIBID, de outros/as professores/as da universidade e de estudantes da escola ampliou e qualificou as ações propostas. As leituras de textos acadêmicos, paradidáticos, orientações curriculares e legislações e as produções textuais realizadas semanalmente – diários, relatórios, textos para blog, comunicações e artigos, permitiram registrar a memória, organizar as ideias e refletir de forma mais aprofundada sobre ensino e experiência docente. A experiência de organização e participação em eventos permitiu entender a dinâmica, realizar planejamento, estabelecer diálogo com outros estudantes e bolsistas PIBID, contato com conhecimentos e experiências, com a comunidade acadêmica e externa. A experiência de atuar como formadores e orientadores em um projeto de iniciação científica para estudantes de ensino médio também foi essencial na formação de toda a equipe.

Em linhas gerais, esse projeto possibilitou ao grupo conhecer a estrutura, a comunidade e o cotidiano escolar, e intervir neles. Possibilitou-lhes também a qualificação teórico-metodológica e um

---

<sup>19</sup> Para Silva (2010), a pesquisa é um instrumento imprescindível do professor e do estudante na preparação e nas aulas.

ambiente para reflexão sobre processos educacionais e o ensino dos conhecimentos das Ciências Sociais na educação básica junto com outros estudantes e profissionais da educação.

Das inúmeras ações de pesquisa e ensino propostas e realizadas pelos/as bolsistas de iniciação à docência com estudantes de ensino médio da EEB Marechal Bormann, destaco aquelas que têm base teórica e metodológica mais próxima da Antropologia. Trata-se das orientações de pesquisa; do intercâmbio de jovens; da realização de dinâmicas e de gincana; das aulas, das oficinas e da exibição de filmes e debate sobre eles. Todas as atividades foram planejadas coletivamente e realizadas com supervisão da coordenadora e do professor da disciplina de Sociologia/Ciências Sociais da escola.

A pesquisa, princípio transversal da disciplina de Sociologia/Ciências Sociais (MORAES; GUIMARÃES, 2010) e instrumento imprescindível para estudantes e professores (SILVA, 2010) foi amplamente utilizada pelos/as bolsistas PIBID Ciências Sociais nas atividades de ensino coordenadas por eles. Cito apenas uma dessas atividades. Duas bolsistas utilizaram a pesquisa como estratégia para discutir o conceito de cultura numa turma do segundo ano de ensino médio<sup>20</sup>. Foram realizadas as seguintes atividades: planejamento e orientação da pesquisa com estudantes de ensino médio, orientação sobre trabalho escrito e visual, organização e acompanhamento da apresentação dos resultados em sala de aula. A turma foi dividida em grupos com até quatro integrantes, e os temas de pesquisa foram: cultura alemã, cultura japonesa, cultura chinesa, cultura indígena, cultura brasileira, cultura italiana e cultura muçulmana. No trabalho devia conter informações sobre o que é cultura e componentes da cultura: traços culturais, complexo cultural, área cultural, padrão cultural e subcultura. Os estudantes tiveram um mês para pesquisa e preparação da atividade. Os resultados finais e uma fotografia que representasse a cultura pesquisada foram apresentados em sala de aula.

Com objetivo de promover um encontro e troca de experiências entre estudantes que vivem em contextos rurais e urbanos, foi realizado um intercâmbio entre jovens estudantes de escolas públicas de Santa Catarina, o qual ocorreu em duas etapas - 20 de março e 10 de junho de 2013, e envolveu cerca de duzentos estudantes de ensino médio, professores/as de escolas rurais do município de Abelardo Luz e de Chapecó, além da equipe do PIBID Ciências Sociais da UFFS e de bolsistas de iniciação científica no ensino médio “Antropologia, Educação e Diversidade” (UFFS). Esse intercâmbio de estudantes e professores/as, oriundos de realidades socioeconômicas e contextos distintos, possibilitou a ambos ampliar seus conhecimentos a respeito do cotidiano em contextos urbanos e rurais e desmistificar ideias preconceituosas.

---

<sup>20</sup> Atividade realizada nos meses de abril e maio de 2013.

A escolha majoritária de conteúdos e conceitos antropológicos para as aulas e atividades da disciplina de Sociologia/Ciências Sociais no ensino médio explicita o impacto da formação antropológica entre licenciandos e bolsistas do PIBID Ciências Sociais. Após participação em oficina sobre planos de aula e tendo um leque enorme de possibilidades de temáticas, esses bolsistas elaboraram planos e, posteriormente realizaram, as seguintes aulas na escola básica: 1) Os novos movimentos sociais: A luta das mulheres; 2) Movimento e participação estudantil; 3) Cultura e Sociedade – Subtema: conceito de cultura; 4) Sociologia e Arte; 5) As relações sociais, Subtema: Formas de Relações Sociais e Comportamento; 6) Etnocentrismo e Relativismo; 7) Desigualdade Social; 8) O trabalho em diferentes sociedades; 9) Estratificação e desigualdade.

Com objetivo de problematizar questões de gênero e sexualidade com estudantes de ensino médio, o grupo de PIBID de Ciências Sociais propôs e realizou diversos eventos e projetos, tais como: 1) Oficina Novos Olhares; 2) Aula sobre Conquistas e Direitos das Mulheres<sup>21</sup>; 2) Projeto Relações Afetivas na Escola<sup>22</sup>; 3) Gincana Sociológica<sup>23</sup>; e 4) Oficina Gênero e Sexualidade<sup>24</sup>.

Após a realização das atividades, se concluiu que as questões das diversidades deveriam ser mais frequentes na escola e nas aulas de Sociologia/Ciências Sociais e que a escola não deve reproduzir ações violentas e discriminações ou compactuar com tais manifestações; deve, antes, ser o espaço de reflexões, produção de novos saberes e contribuir na construção de políticas públicas e relações que respeitem e valorizem a diferença entre as pessoas.

Contrariando recorrentes discursos de que a escola é o espaço que reproduz e revela preconceitos, produz violências e assimetrias, o sucesso obtido nos projetos indicou que a escola pode ser o espaço de reflexão e repúdio às violências, de produção de novos conhecimentos e estímulo à construção de relações igualitárias, tolerantes e respeitadas diante da diversidade também de gênero e sexuais.

O impacto da Antropologia na formação de estudantes pode ser visualizado em seus depoimentos. Uma aluna de 15 anos afirmou que a Gincana Sociológica possibilitou uma experiência que será guardada pelo resto da sua vida. “Aqui [na gincana] aprendemos a vencer o

---

<sup>21</sup> Aula planejada e ministrada com objetivo de proporcionar um espaço de reflexão sobre as conquistas e direitos das mulheres e o contato com a luta dos movimentos feministas.

<sup>22</sup> Projeto proposto com o objetivo de refletir sobre “relacionamentos afetivos” com estudantes de ensino médio e contribuir na desconstrução de modelos heteronormativos e discriminatórios. Mais informações sobre essa oficina, ver Wizniewski. et al., 2014.

<sup>23</sup> Esta Gincana teve o objetivo de promover espaços de ensino-aprendizagem de conhecimentos da disciplina de Ciências Sociais utilizando estratégias lúdicas de competição e brincadeiras. Na terceira etapa, se criou espaços para que estudantes refletissem sobre identidade de gênero e sexualidades através da produção de textos, peças teatrais, paródias e performance. Para outras informações sobre a gincana, ver Mariano et al., 2014.

<sup>24</sup> Essa oficina tinha como objetivo estimular a discussão sobre gênero em sala de aula. Para outras informações sobre essa oficina, ver Azevedo et al., 2014.

preconceito e descobrimos que é possível estudar e se divertir ao mesmo tempo”, afirmou a aluna. Um bolsista de iniciação à docência disse que, a partir do contato intenso e semanal com a escola, realizado no projeto PIBID Ciências Sociais, conheceu

[...] melhor o espaço onde antes estivera como estudante; mais especificamente, tive a oportunidade de me aproximar de uma comunidade escolar urbana, que é muito diferente do espaço onde estudei durante toda a minha vida, ou seja, numa área rural. Dessa forma, foi possível rever minha visão preconceituosa sobre a escola urbana como um espaço de formação apenas ‘das elites’ (DALLABRIDA, 2001); percebi também que há estudantes dessa escola que têm uma visão limitada e acreditam que as escolas da área rural são atrasadas (apud PELEGRINI et al., 2013, p. 8).

Para concluir, os conteúdos teóricos e o uso combinado de diversos recursos didáticos (aula expositiva dialogada, debate, teatro, oficina, produção de mídias) nas atividades de pesquisa e ensino realizadas pelos/as bolsistas PIBID Ciências Sociais estimularam estudantes de ensino médio, estudantes universitários e professores da educação básica e da universidade a refletir e fazer vínculos entre teoria e vivência/observação de ações violentas e discriminatórias diante da orientação sexual e identidade, expressão e performance de gênero divergente da norma; da pertença a religiões não católicas; da residência em bairros estigmatizados<sup>25</sup>; do pertencimento a grupos étnicos ou a grupos cuja cor da pele não seja branca; e do pertencimento a famílias não nucleares, heterossexuais ou monogâmicas.

### **A escola vai à universidade: experiências de pesquisa e ensino no PIBIC-EM**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio é financiado com recursos do CNPq e objetiva oportunizar a formação de jovens cientistas e pesquisadores de excelência, a partir de ensino médio, aproximando estudantes de espaços da academia antes de seu ingresso formal na universidade. Selecionado em edital público, o projeto de iniciação científica no ensino médio “Antropologia, Educação e Diversidade” foi realizado entre fevereiro de 2013 e julho de 2014<sup>26</sup>, e envolveu dez estudantes (bolsistas de iniciação científica júnior – ICJ) de ensino médio vinculados a quatro escolas da rede pública de ensino de Chapecó.

A formação desses bolsistas ICJ ocorreu em encontros semanais realizados em espaços diversos da universidade, na organização e participação em eventos, nas produções textuais, na

---

<sup>25</sup> Ideia inspirada em Erving Goffman, que afirma que “[...] a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e os atributos a ela destinados, a sua identidade, ou status social”. (GOFFMAN, 1982, p. 5).

<sup>26</sup> Coordenação: Tânia Welter e Maria Alice Canzi Ames. Coordenação de atividades: Rafael Fernando Lewer.

realização de pesquisas, na coordenação de atividades, na participação em atividades de intercâmbio e outras.

As categorias teóricas e metodológicas da Antropologia<sup>27</sup> foram utilizadas tanto na formação, quanto na produção desses jovens estudantes e bolsistas e promoveram impactos importantes. O uso combinado e diversificado de metodologias de ensino e o entendimento de que a experiência é fundamental na formação de jovens estudantes (DUBET, 1997) foram fundamentais.

Dentre as inúmeras ações realizadas nesse projeto visando à iniciação científica, destaco as seguintes: (a) elaboração de diários e de relatórios mensais; (b) realização de leituras e de técnicas de síntese de leituras, como mapa conceitual, palavras-chave e fichamento; (c) orientação e elaboração de resenhas e artigos; (d) realização de leituras teóricas, temáticas e metodológicas de pesquisa; (e) elaboração de projeto de pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); (f) treinamento de pesquisa quali-quantitativa; (g) realização de pesquisa; (h) organização e apresentação dos dados; e (i) elaboração do relatório final.

Diante de uma infinidade de temas de pesquisas, esses jovens escolheram os seguintes: (a) relações afetivas entre pais e filhos adotivos; (b) processos de ensino-aprendizagem na EEB Druziana Sartori; (c) relacionamento de adolescentes com a família; (d) a homofobia na escola; (e) a violência contra estudantes do ensino médio; (f) a importância da família na vida dos estudantes na escola; e (g) a visão do corpo feminino a partir das alunas da EEB Marechal Bormann.

Duas pesquisas foram realizadas. A primeira, intitulada “Violências na escola na visão de estudantes: um estudo de caso”, é uma pesquisa de cunho qualitativo, com objetivo de investigar ações violentas envolvendo estudantes do ensino médio da Escola de Educação Básica Druziana Sartori, bairro Palmital, Chapecó.

A segunda pesquisa, intitulada “Processo de ensino e aprendizagem entre estudantes e professores da EEB Druziana Sartori na disciplina de Matemática”, utilizou metodologia quali-quantitativa com objetivo de investigar sobre as dificuldades encontradas nos processos de ensino e aprendizagem na disciplina de matemática do primeiro ano do ensino médio dessa escola.

De forma semelhante às considerações anteriores, os/as integrantes do projeto de iniciação científica foram impactados pelo contato com referenciais teóricos e metodológicos próprios da Antropologia. A partir da exibição de filmes e documentários e de debates sobre eles; da participação em dinâmicas, em eventos e em oficinas; da elaboração de textos; da preparação e coordenação de

---

<sup>27</sup> Por exemplo, Fonseca (1999), Queiroz (1997), Grossi (2010).

atividades educacionais e da realização de pesquisas, os integrantes do projeto tiveram oportunidade de refletir sobre preconceitos, violências e ações discriminatórias e rever suas ideias e posturas.

### Considerações finais

Constatou-se que o contato com conceitos e métodos antropológicos teve impacto significativo na formação de estudantes da educação básica e do ensino superior bolsistas dos programas PIBIC EM e PIBID Ciências Sociais da UFFS. Além de promover uma ampliação no olhar, estes e estas estudantes foram desafiados a desnaturalizar conceitos e comportamentos, afastar-se do senso comum e instrumentalizar-se para ações de pesquisa, extensão e ensino. Sua escolha por temas de pesquisa mais próximas da Antropologia, por uma metodologia de pesquisa qualitativa e etnográfica, por conceitos antropológicos são alguns indicativos do impacto da Antropologia em suas trajetórias .

### Referências

- ABRAMO, H. W. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa social*. 2.reimp. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 37-72.
- ABRAMOVAY, M; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. Preconceito e discriminação nas escolas. In: *Revelando Tramas, Descobrimos Segredos: Violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF 2009. p. 187-274.
- \_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e violência. In: *Revelando Tramas, Descobrimos Segredos: Violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF 2009. p. 357-390.
- AZEVEDO, L. B. et al. A Escola como espaço para reflexão: um relato de uma experiência docente em gênero e sexualidade. *Revista Café com Sociologia*, v. 3, n. 2, maio 2014. p. 14-21.
- BARBOSA, M. V.; MENDONÇA, S. G. L. Formação de professores de Sociologia: um estudo à luz da teoria histórico-cultural. *Mediações*, Londrina, v. 12, n.1, p.159-176, jan./jun. 2007.
- BRUM, Ceres K. Vestida de prenda: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas. *Revista Educação*, v. 34, n. 1, jan./abr. 2009. Santa Maria, UFSM/Centro de Educação. p 147-163.
- CANDAU, V. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (Orgs.). *Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-37.
- CAPUTO, Stela G. Educação nos Terreiros. E como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. Falando da travessia. No terreiro e na escola. In: *Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012. P. 23-35.

CARLOS, Paula Pinhal de. Considerações sobre o Conceito de Juventude. In: “Sou para casar” ou “pego, mas não me apego”? Práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade. Tese Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis: UFSC CFH/PPGICH, 2011. p. 95-99. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PICH0101-T.pdf>

CARRARA, S. L. et al. (Orgs.). Diferentes, mas não desiguais! Viva a Diferença! In: *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Livro de Conteúdos. Versão 2009. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/SPM, 2009. p.19-36.

DUBET, François. Quando o Sociólogo quer saber o que é ser professor. Entrevistadoras: Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 5/6, p.222-231, 1997.

FLEURI, R. M. Educação Intercultural: decolonializar o poder e o saber, o ser e o viver. *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 7-22, jan./dez. 2012.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, nº 10, 1999. Rio de Janeiro: ANPED, 1999.

\_\_\_\_\_. Preparando-se para a vida: reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

GARCIA, R. G. Currículo emancipatório e multiculturalismo – Reflexões de viagem. In: SILVA, Tomaz T. & MOREIRA, Antônio F. S.(Orgs.) *Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.114-143.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. (edição revisada) *Antropologia em Primeira Mão*, n. 24. Florianópolis: UFSC/PPGAS, 2010.

GUSMÃO, N. M. M. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, N. M. M. (Org.). *Diversidade, Cultura e Educação – Olhares Cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003. p. 85-105.

HEILBORN, M. L. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, M. L. et al. *O Aprendizado da Sexualidade: Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. p.29-43.

JUNQUEIRA, Carmen. Símbolo. In: *Antropologia Indígena: uma introdução. História dos povos indígenas no Brasil*. 2. ed São Paulo: EDUC, 1999. p. 9-22

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: UNESCO/MEC, 2009. P. 13-51.

KADLUBITSKI, L. & JUNQUEIRA, S. Diversidade Cultural e Políticas Públicas Educacionais. *Revista Educação*, vol. 34, n. 01, jan./abr. 2009. Santa Maria, UFSM/Centro de Educação. p. 179-194.

LOPES, P. M. Sexualidades em sala da aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (Orgs.). *Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.125-148.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARIANO, S. N. et al. Performances de gênero e estereótipos no Ensino médio. *Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH: Práticas, pedagogias e políticas públicas*, realizado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande (RS), 7 a 9 de maio de 2014.

MEAD, Margaret. Introdução. In: *Sexo e Temperamento*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 19-27.

MINER, Horace. Ritos Corporais entre os Nacirema in: ROONEY, A. K.; P. VORE, L. de (orgs.). *You and the Others - Readings in introductory anthropology*. Cambridge: Erlich, 1976.

OLIVEIRA, Roberto C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *O Trabalho do Antropólogo*. 2. ed. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: UNESP, 2006. P.17-35.

OLIVEIRA, Sônia C. de; GOMES, Cleomar Ferreira. A abordagem de pesquisa etnográfica: reflexões e contribuições. *Psicopedagogia online: Educação & Saúde*, 18 ago. 2005. Disponível em:<[www.psicopedagogia.com.br](http://www.psicopedagogia.com.br)>. Acesso em 4 jun. 2014.

OLIVEIRA, L. F.; LINS, M. R. F. Eu e o outro: o professor como artesão da interculturalidade. MIRANDA, C.; LINS, M. R. F.; COSTA, R. C. R. (Orgs.). *Relações Étnico-Raciais na Escola: Desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei n. 10.639*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2012. p. 333-354.

OLIVEIRA, L. F. Introdução. In: *História da África e dos Africanos na Escola: Desafios políticos, epistemológicos e identitários para a formação dos professores de História*. Rio de Janeiro: Imperial/FAPERJ, 2012. p. 15-38.

OLIVEIRA, C. G. & FRANGELLA, R. C. “Aqui nessa escola não se faz oração, não professora?” – A perspectiva cultural da religião e da diferença no currículo. In: OLIVEIRA, C. G. et al (Orgs.). *Escola, Culturas e Diferenças: Experiências e Desafios na Educação Básica*. Rio de Janeiro: Imperial, 2011. p.111-129.

ORTNER, Sherry. Poder e Projeto: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pilar. ECKERT, Cornelia. FRY, Peter (Orgs.). *Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007.

MENDONÇA, Sueli G. de Lima. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. *Caderno CEDES*, v. 31, n. 85, p. 341-357, 2011.

MOREIRA, A. F. B. & CANDAU, V. Currículo, conhecimento e cultura. In: BEAUCHAMP, S. R. P. et al. (Orgs.). *Indagações sobre Currículo: Currículo, Conhecimento e Cultura*. Brasília: MEC/SEF, 2007. p.17-48.

- MOREIRA, A. F. & CAMARA, M. J. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). *Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.38-66.
- MORAES, A.; GUIMARÃES, E. F. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, Amaury C. (Coord.) *Sociologia: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.p. 45-62.
- MOURA, Glória. O direito à diferença. In: MUNANGA, K. *Superando o Racismo na Escola*. 2. ed. Brasília: MEC, 2005. p. 69-82.
- PELEGRINI, C., LUZ, D. P. da, WELTER, T. Importância da Experiência na Formação Docente. Comunicação no GT “Ciências Sociais no Ensino Médio/PIBID” realizado durante o XXVIII Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais (ENECS). Fortaleza, 21 a 28 de julho de 2013. <http://enecs2013.wordpress.com/apresentacao-de-trabalhos-ats/>
- QUEIROZ, Renato da Silva. *Não Vi e Não Gostei: o fenômeno do preconceito*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- ROCHA, A. L. Entrevista com Ana Luiza Carvalho da Rocha. *Revista Nova Escola*, 2011. Disponível em: [revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar](http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar)
- ROCHA, G. & TOSTA, S. P. Para uma antropologia da educação. *Antropologia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.113-140.
- RODRIGUES, José Carlos. Os outros e os outros. In: *Antropologia e Comunicação: Princípios radicais*. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.
- SCHADEN, Egon. Educação e magia nas cerimônias de iniciação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: INEP, v. 3, n. 8. p. 271-274, 1945.
- SCHONS, P., MARIANO, S. N., KLOH, J. Formação Educacional dos Estudantes da Associação dos Deficientes Visuais do Oeste de Santa Catarina – ADEVOSC em Chapecó. I *Semana Acadêmica de Ciências Sociais*. Chapecó: UFFS, 05 a 07 de junho 2013.
- SEEGER, A. Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In: *Os Índios e Nós*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. P. 25-40.
- SILVA, A. C. A Desconstrução da Discriminação no livro didático. In: MUNANGA, K. *Superando o Racismo na Escola*. 2. ed. Brasília: MEC, 2005. P. 21-37.
- SILVA, I. L. F. O ensino das Ciências Sociais\Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: MORAES, Amaury C. (Coord.) *Sociologia: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.p. 15-41.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. 3ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. P.123-132.

VIEIRA, S. C. A. Educação, violência e o paradoxo inclusão/exclusão. In: PONTES, Reinaldo n. & CRUZ, Roberto R. (Orgs.). *Educação Inclusiva e Violência nas Escolas*. Belém: UNAMA, 2010. P. 108-124.

WELTER, Tânia; GROSSI, Miriam P. Discursos sobre violências entre jovens estudantes e profissionais da educação. In: *Anais do Evento “Desafios da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas”*. Florianópolis: UFSC/PPGICH, 2012.

WELTER, Tânia. *Relatório Final de Atividades PIBID Ciências Sociais*. Chapecó: UFFS, 2013.

WIZNIEWSKI, A.P. et al. Refletindo sobre afetividade na escola. Anais do **VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH: Práticas, pedagogias e políticas públicas**, realizado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande (RS), 07 a 09 de maio de 2014.